

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE “SITUAÇÃO” EM *O SER E O NADA*

## CONSIDERATIONS ON THE IDEA OF "SITUATION" IN *BEING AND NOTHINGNESS*

Anderson Aparecido Lima da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Tomando como referência o livro *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*, de Jean-Paul Sartre, este artigo pretende analisar a noção de “situação”, buscando estabelecer as relações entre “liberdade” e “facticidade” que a constituem em seu cerne. A partir deste expediente, intencionamos compreender a possibilidade de uma escolha humana concreta e, correlatamente, as ambiguidades a ela inerentes. Para tanto, enfatizaremos as correspondências entre, por um lado, o “Em-si” e o “Para-si” e, por outro, entre os “coeficientes de adversidade” e os “campos de possibilidades”. Por fim, sugerimos que a investigação da noção de “situação” e de seu respectivo quadro acompanhou o escopo interrogativo da trajetória sartreana como uma questão fundamental.

**Palavras-chave:** Sartre. Situação. Liberdade. Facticidade

**Abstract:** Taking the Jean Paul Sartre’s book *Being and Nothingness: An Essay on Phenomenological Ontology* as reference, this article intends to analyse the idea of “situation”. Firstly, the intention to set the interactions between “liberty” and “facticity” in an attempt to understand the possibility of a concrete human choice (as well as its ambiguities). This approach emphasizes the connections between the “Being-in-itself” and “Being-for-itself”, and also between the “coefficients of adversity” and “fields of possibilities”. Finally, we suggest that the investigation of the idea of “situation” and its framework is a key issue that is carried on in the development of the questioning scope of Sartre's trajectory.

**Keywords:** Sartre. Situation. Liberty. Facticity.

\* \* \*

Em 1946, conjugando intervenção política à expressão de ordem filosófica, Sartre publicava o texto “Reflexões sobre a questão judaica”, no qual afirmava que

[...] o homem se define antes de tudo como um ser em situação: isso significa que constitui um todo sintético com sua situação biológica, econômica, política, cultural, etc. Não é possível distingui-lo dessa situação, pois ela o forma e decide de suas possibilidades, mas inversamente, é ele que lhe atribui o sentido escolhendo-se em e por ela. Estar em situação significa escolher-se em situação e os homens diferem entre si como diferem suas respectivas situações e também conforme a escolha que efetuam de sua própria pessoa<sup>2</sup>.

Com este excerto o autor procura não apenas apresentar uma das noções seminais de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo. E-mail: anderson.aparecido.silva@usp.br

<sup>2</sup> SARTRE, 1968, p. 35.

sua obra – a noção de *situação* –, mas retomá-la num viés propositivo que, todavia, talvez não estivesse completamente ausente da formulação mais densa que houvera recebido três anos antes, quando da publicação de *O ser e o nada*. É a este momento e à exposição sucinta da noção de *situação* que buscaremos nos ater, levantando algumas breves considerações.

“Ao fazer a situação, ele 'se faz', e inversamente”<sup>3</sup>. Afirmar que o homem – ou, neste caso, o “Para-si” – “se faz” coloca em primeiro plano a negação de qualquer determinação de origem causal – seja, por exemplo, uma possível “natureza humana” ou um dito determinismo social mecanicista que tivesse por fito reduzir a experiência singular do sujeito a uma totalidade oclusa – e, em segundo plano, implica a afirmação de que o Para-si também, de algum modo, “é feito” ou constitui-se a partir dos condicionamentos que cerceiam a condição humana, tanto no que tem de fundamental em relação a todo homem, quanto em sua singularidade mais específica – como o lugar, o passado, os arredores, o próximo, a morte etc., de cada indivíduo. Compreender minimamente o funcionamento dessa intrincada relação nos leva necessariamente a perscrutar o liame existente entre *liberdade* e *facticidade*, constituintes da noção de *situação*.

Em *O ser e o nada*, Sartre inicia a abordagem do tema tomando como ponto de partida a concepção de liberdade proveniente do senso comum: “o ser dito livre é aquele que pode realizar seus projetos”<sup>4</sup>. Visando elucidar o tema, será a partir dessa concepção que levantará uma série de questionamentos, tais como: se bastasse conceber para realizar, ou melhor, se conceber fosse já o realizar, estaríamos mesmo falando de uma liberdade? Ou apenas caindo numa indistinção de realidade que nada ficaria devendo a um mundo de sonho? Não será difícil notar que, para o autor, essa concepção de liberdade não passa de um delírio, pois ao indiscernir o desejo, a representação e a escolha, a liberdade torna-se impossível. Afinal, não seria necessário ir muito além do imaginado para se dizer livre.

O que seria então necessário para efetivar essa “liberdade virtual” ou “imaginária” – posto que sem contato com o mundo – em liberdade concreta? A questão já contém, de certa forma, a resposta: “para que um ato possa comportar uma realização, é preciso que a simples projeção de um fim possível se distinga *a priori* da realização

---

<sup>3</sup> SARTRE, 1997, p. 675.

<sup>4</sup> SARTRE, 1997, p. 594.

deste fim”<sup>5</sup>. Todavia, como se daria essa distinção entre a projeção de um fim e sua realização? Seria necessário apenas uma separação espaço-temporal? Embora comporte – como veremos – de certo modo tal requisito, ainda assim essa distinção não seria suficiente. Ora, o que seria então o fator fundamental para tal distinção? Para Sartre a resposta é clara: “somente um conjunto de existentes reais pode nos separar desse fim”<sup>6</sup>. Parece que atingimos o ponto fractal: o que separa da concepção a realização é o próprio mundo das coisas, o próprio Em-si. Portanto, o Em-si, ou o dado, isto é, a *facticidade* é indispensável à própria efetivação da *liberdade*. É a facticidade mesma que fornece o campo, a base, o ponto de partida, a plataforma de impulso da liberdade comprometida assim com e no mundo. Enfim, “só pode haver Para-si enquanto comprometido em um mundo resistente”<sup>7</sup>. Partindo deste enredo poderemos melhor compreender a afirmação segundo a qual a liberdade é *autonomia de escolha*, mas uma autonomia de escolha muito peculiar, pois, entranhada no mundo, a escolha jamais está “em suspensão”, aliás, identifica-se ao fazer, sendo, por conseguinte, já um começo de realização.

Ora, se até aqui resvalamos no fato, embora não o tenhamos posto explicitamente, de haver certa precedência ontológica do Em-si em relação à liberdade, o que não salientamos ainda é que liberdade, consciência e a própria definição de Para-si, de algum modo, se implicam. Assim, a questão põe-se de maneira central, pois indagar o que é a liberdade é indagar de algum modo o que é o Para-si e a consciência e, concomitantemente, sua relação com o Em-si que lhe permite existir. À vista disso, o que é o Em-si? O que é o Para-si?

O Em-si – ou mundo das coisas – é, basicamente, o ser enquanto pleno de si mesmo, síntese mais radical de si consigo mesmo, portanto, em total identidade; não possuindo, digamos, um “dentro” ou um “fora”, é maciço, opaco. O ser-Em-si é apenas o que é, isto é, o ser-Em-si é apenas si mesmo e, por isso, pura positividade, de modo a desconhecer, logo, qualquer tipo de alteridade. Sendo incriado, aparece como algo que está aí, sem que saibamos o porquê, algo cujo existir só podemos entender como absoluta contingência.

Já o Para-si – ou o modo de ser da consciência – caracteriza-se primeiramente

---

<sup>5</sup> SARTRE, 1997, p. 594.

<sup>6</sup> SARTRE, 1997, p. 595.

<sup>7</sup> SARTRE, 1997, p. 595.

por “não ser sua própria coincidência”<sup>8</sup>, ou seja, por escapar à identidade do Em-si. O Para-si constitui-se como um “desgarramento do ser em relação a si”<sup>9</sup>, é isso que Sartre denomina *presença*: o Para-si é primeiramente presença a si. Isso significa que se

[...] o princípio de identidade é a negação de qualquer tipo de relação no âmago do ser-Em-si. Ao contrário, a presença a si pressupõe que uma fissura impalpável deslizou pelo ser. Se o ser é presença a si significa que não é inteiramente si. A presença é uma degradação imediata da consciência, pois pressupõe separação. Mas se indagarmos agora “que é que separa o sujeito de si mesmo?”, seremos obrigados a admitir que é o Nada<sup>10</sup>.

Assim, o que define a consciência é o Nada que a distancia do ser, a lei suprema do Para-si é estar separado de si e do mundo por um nada. Contaminado pelo nada, o Para-si apresenta-se, ao contrário do Em-si, como plena negatividade. O Para-si é o nada que invade o ser e provoca a abertura de seu miolo. “O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo”. A única realidade que o Para-si possui é a de ser uma nadificação do ser. Sem o Em-si, o Para-si seria uma abstração, afinal,

[...] o ser é anterior ao nada e o fundamenta. Entenda-se isso não apenas no sentido de que o ser tem sobre o nada uma precedência lógica, mas também que o Nada extrai concretamente do ser sua eficácia. Expressávamos isso ao dizer que o nada invade o ser<sup>11</sup>.

É nessa direção que Sartre enfatiza que o Para-si poderia caracterizar-se como “um buraco” no Em-si, pois, visto que todo nada é nada de alguma coisa, “o nada, sendo nada de ser, só pode vir ao ser pelo próprio ser”<sup>12</sup>. Em outras palavras, o Em-si faz parte da própria constituição do Para-si.

Posto isso, todavia, não seria despropositado arguir: na medida em que o Para-si é também Em-si, a contingência original que caracteriza este último não seria capaz de suprimir a liberdade do Para-si? Afinal, se, por um lado, a liberdade apresenta-se como *autonomia de escolha*, o Para-si não escolhe, por exemplo, determinadas condições de base – a cor de sua pele, a geografia de seu nascimento, a constituição física de seu corpo etc. – ele é atirado a esta condição como pura contingência, algo do qual não é o fundamento.

---

<sup>8</sup> SARTRE, 1997, p. 125.

<sup>9</sup> SARTRE, 1997, p. 126.

<sup>10</sup> SARTRE, 1997, p. 126.

<sup>11</sup> SARTRE, 1997, p. 58.

<sup>12</sup> SARTRE, 1997, p. 127-8

Assim disposto o cenário, há que se considerar um argumento seminal de Sartre: “a consciência pode sempre ultrapassar o existente, não em direção a seu ser, mas ao sentido desse ser”<sup>13</sup> ou, dito de outra forma, o Para-si jamais capta o Em-si que o envolve em sua nudez, mas sempre lhe confere um sentido – ou finalidade, como veremos mais adiante –, uma *significação* que está para além do dado bruto. O “Para-si acha-se sustentado por uma perpétua contingência que ele retoma por sua conta e assimila sem poder suprimi-la jamais, é o que chamaremos de facticidade do Para-si”<sup>14</sup>. Essa “retomada” e “assimilação” são características do modo de ser próprio ao Para-si, é de sua índole emitir significados, isto é, valorar o Em-si, e isso “a tal ponto que não há consciência que não seja impregnada por seu valor”<sup>15</sup>. Parece que começamos a galgar o cerne de nossa problemática, contudo, cumpre elucidar, ainda que minimamente, alguns dos pontos expostos anteriormente para melhor compreendermos o que se encontra em jogo.

Havíamos afirmado há pouco que o Para-si caracterizava-se por ser nada-de-ser, o que significa dizer também que o Para-si é falta, ou ainda, que a realidade humana é falta. Mas, falta de que? Resposta: falta de ser. Frise-se que não se trata, entretanto, de uma falta “estática”. O Para-si é, na verdade, *Para-ser*, isto é, o “*Para-*” indica exatamente a direção que o Para-si toma, e essa direção é o ser. O Para-si visa ao ser, ou seja, àquilo que lhe falta e poderia lhe completar, e é esse visar, esse perseguir o ser que o caracteriza como um movimento ou processo constitutivo de si. Processo que o revela como um constante “ainda não”, algo a ser completado, que está sempre em vias de constituição e que, contudo, não atinge seu término, pois está sempre “a-vir-a-ser”.

De maneira análoga, a consciência é um ser cujo complemento está à distância de si, e a “essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl chama *intencionalidade*”<sup>16</sup>. Isso pode ser traduzido na asserção de que toda consciência é consciência *de* alguma coisa. Na tentativa de “se completar”, a consciência visa a outra coisa que não si mesma (visa ao ser), é por isso que “a consciência é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser enquanto este ser implica outro ser que não si mesmo”<sup>17</sup>, ou ainda, a consciência *é o que não é e não é o que é*.

---

<sup>13</sup> SARTRE, 1997, p. 35.

<sup>14</sup> SARTRE, 1997, p.132.

<sup>15</sup> SARTRE, 1997, p. 146.

<sup>16</sup> SARTRE, 2006, p. 57.

<sup>17</sup> Id., *O ser e o nada*, op. cit., p. 35.

Sendo toda consciência “consciência *de*”, decorre igualmente que toda ação é intencional, isto é, visa sempre a uma determinada *finalidade*. A ação é sempre o ultrapassamento, a *transcendência* de um dado presente rumo a um resultado, uma finalidade que se busca obter; é pelo futuro, portanto, que cada uma das minhas ações encontra seu sentido: o que ilumina e esclarece a situação é o resultado que se busca, isto é, a finalidade. Mais do que isso, a intenção, visando a uma determinada singularidade, faz do dado um *motivo* a partir desse fim. Não se trata, por conseguinte, de um “efeito” que se seguisse a uma dada “causa externa” que determinaria a ação humana. A liberdade efetiva-se à medida que a finalidade vem ao mundo pelo homem, pela intenção da consciência delegadora de sentido, e isso de tal modo que a finalidade mesma constitui o motivo da ação. Assim, o motivo faz parte do ato, em vez de determiná-lo no modo de uma relação externa.

Destarte, finalidade – ou “projeto” –, motivo e ato se identificam e autoimplicam:

É somente porque escapo ao Em-si nadificando-me rumo às minhas possibilidades que este Em-si pode adquirir valor de motivo ou móbil. Motivos e móbeis só têm sentido no interior de um conjunto projetado, que é precisamente um conjunto de não-existentes. E este conjunto é, afinal, eu mesmo enquanto transcendência, eu mesmo na medida em que tenho de ser eu mesmo fora de mim<sup>18</sup>.

E como essa relação dar-se-ia na prática cotidiana? Um exemplo pode nos ajudar a ilustrar o que acaba de ser proposto:

Determinado rochedo que demonstra profunda resistência se pretendo removê-lo, será, ao contrário, preciosa ajuda se quero escalá-lo para contemplar a paisagem. Em si mesmo – se for sequer possível imaginar o que ele é em si mesmo –, o rochedo é neutro, ou seja, espera ser iluminado por um fim de modo a se manifestar como adversário ou auxiliar<sup>19</sup>.

É pela escolha de si (e, correlatamente, de um determinado projeto) – como pintor, alpinista ou capitalista, por exemplo – que surge o *coeficiente de adversidade*, isto é, o Em-si iluminado pela finalidade do Para-si – a montanha enquanto paisagem, desafio ou lucro (neste ínterim, compreendidas também todas as técnicas que habilitam cada uma das atividades).

Sendo assim, o Em-si, que parecia inviabilizar a liberdade com suas resistências,

---

<sup>18</sup> SARTRE, 1997, p. 541.

<sup>19</sup> SARTRE, 1997, p. 593-4.

antes de lhe ser um impeditivo, permite o próprio advento da liberdade, de tal modo que “o dado não entra de forma alguma na constituição da liberdade, pois esta interioriza-se enquanto negação interna do dado”<sup>20</sup>. Em suma, na medida em que o dado aparece ao Para-si enquanto realidade iluminada, não pode aparecer, então, como existente em bruto. Essa relação da liberdade com o dado tampouco pode se dar de maneira a implicar uma relação causal – que só subsiste no mundo do Em-si –, e menos ainda servir o Em-si como razão da liberdade, pois sem esta última ele perde qualquer significado. Para Sartre, o Em-si só tem a força que delegamos ao elegê-lo ou significá-lo desta ou doutra forma, e é por isso que o motivo não é a causa do ato, só vindo a tomar corpo quando iluminado por um determinado fim. O motivo só é motivo à luz de um fim projetado.

É, portanto, a partir de um certo *coeficiente de adversidade* que o Para-si atuará, mas não só isso, atuará também dentro de um determinado *campo de possibilidades*. Atente-se ao fato de que se dizemos tratar-se de um campo de possibilidades, não dizemos tratar-se de um “campo de certezas”. Breve, o que ocorre é que a própria relação entre a liberdade e o mundo gerará certo campo aberto às empreitadas da liberdade e às contingências daí provenientes, de maneira que afirmar uma liberdade comprometida acarretará, ao mesmo tempo, que “ser livre não significa obter o que se quis, mas sim determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher). Em outros termos, o êxito não importa em absoluto à liberdade”<sup>21</sup>. Esse é o preço que se paga por uma liberdade engajada, que destoa tanto da liberdade idealista quanto da estoica.

Sartre exemplifica o enunciado acima da seguinte maneira:

Não diremos que um prisioneiro é sempre livre para sair da prisão, o que seria absurdo, nem tampouco que é sempre livre para desejar sua libertação, o que seria um truísmo irrelevante, mas sim que é livre para tentar escapar (ou fazer-se libertar) – ou seja, qualquer que seja sua situação ele pode projetar sua evasão e descobrir o valor de seu projeto por um começo de ação<sup>22</sup>.

Se retomarmos alguns pontos, perceberemos que quando o autor afirma que

o escravo em seus grilhões é livre para rompê-los; significa que o próprio sentido de suas correntes lhe aparecerá à luz do fim que

---

<sup>20</sup> SARTRE, 1997, p. 599.

<sup>21</sup> SARTRE, 1997, p. 595.

<sup>22</sup> SARTRE, 1997, p. 595.

escolheu: continuar escravo ou arriscar o pior para escapar da servidão [...], é necessário que ele se escolha no terreno da escravidão e, com isso, confira um sentido a essa obscura coerção. Se, por exemplo, escolhe a revolta, a escravidão, longe de ser previamente um obstáculo para esta revolta, só adquire o seu sentido e seu coeficiente de adversidade pela própria revolta<sup>23</sup>.

O Para-si, portanto, está atirado a um total “experimentalismo” de suas ações, nada – seja um ser superior, seja qualquer sorte de determinismo – garante que seus objetivos sejam alcançados. Não lhe resta alternativa senão a de atirar-se a essa indeterminação, criando singularmente seus valores e comprovando-os em suas ações. Liberdade e indeterminação é o velho par dessa relação que se dá num mundo a ser deparado e “inventado” pelo Para-si, pois “o Para si não surge com um fim totalmente dado. Mas, ao fazer a situação, ele 'se faz, e inversamente’”<sup>24</sup>.

Afirmar que o Para-si “é feito” e ao mesmo tempo “se faz” denota certa *ambigüidade*, ambigüidade essa que é própria da constituição do Para-si: surgindo no bojo do Em-si, este atua como “necessidade de fato” (enquanto fator que condiciona necessariamente a existência do Para-si), ao passo que é em sua própria necessidade de fato que o Em-si lhe é também contingente (nascer nesta ou naquela região, em tal e tal família etc.). Ora, é no plano dessa contingência e necessidade do Em-si que a liberdade deverá atuar, visto que “só podemos ser livres em relação a tal estado de coisas e apesar deste”<sup>25</sup>.

Produto comum da contingência do Em-si e da liberdade, a situação é um fenômeno ambíguo a tal ponto que não podemos discernir a contribuição exata da liberdade e do existente em bruto na consecução de uma ação: “o mundo, por coeficientes de adversidade, revela-me a maneira como me atenho aos fins a que me destino, de sorte que jamais posso saber se me fornece informação a seu ou a meu respeito”<sup>26</sup>. O que podemos dizer é que, guardadas as medidas, não há situação sem liberdade, nem liberdade sem situação; se a liberdade pode ser limitada em seu campo de ações, não significa que possa ser dirimida ou procrastinada, está sempre em ato e condicionada pelo Em-si.

Outra forma que assume essa ambigüidade da situação diz respeito ao fato de que, embora tenhamos estabelecido que o Para-si é livre, isso não significa que seja seu

---

<sup>23</sup> SARTRE, 1997, p. 673-4.

<sup>24</sup> SARTRE, 1997, p. 675.

<sup>25</sup> SARTRE, 1997, p. 598.

<sup>26</sup> SARTRE, 1997, p. 601.



próprio fundamento. Em outras palavras,

de fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade. [...] portanto, se definimos a liberdade como um escapar ao dado, ao fato, há um fato de escapar ao fato. É a facticidade da liberdade<sup>27</sup>.

Posto isso, não é a liberdade que se escolhe livre, para tanto seria preciso supor previamente as possibilidades de ser livre e não ser livre, sendo ao mesmo tempo necessária uma liberdade prévia que escolhesse e que, por sua vez, exigiria outra e daí ao infinito. Somos inteiramente livres para pôr fins, mas não para deixar de pô-los.

Mais do que isso, a liberdade também não escolhe sua própria existência. Uma liberdade que pudesse produzir sua própria existência perderia o sentido mesmo de liberdade. Há como que uma facticidade da liberdade que, entretanto, não deixa de se aliar a sua própria contingência: “o fato de não poder não ser livre é a facticidade da liberdade, e o fato de não poder não existir é a sua contingência”<sup>28</sup>. O homem está, pois, condenado não somente a escolher-se, mas a fazê-lo num mundo impreterivelmente por ele valorado. Afirmar que o homem não pode não escolher é afirmar concomitantemente que seja qual for sua atitude – seja a resignação ou transgressão no caso do cativo, por exemplo – parte-se de uma determinada escolha de si mesmo e, sendo essa escolha já uma ação, não podemos dizer que haja postura desinteressada ou que não se exerça a liberdade: toda e qualquer postura, inclusive aquela que costumamos chamar de passividade, é reveladora de uma escolha que se expressa na e pela ação.

Este quadro nos leva a observar que, não obstante não seja fundamento de sua facticidade – ou de seu ser –, o Para-si é fundamento de sua liberdade – ou de seu nada –, pois ao considerar que o valor vem ao mundo pela nadificação do Para-si, segue-se que

a liberdade é o único fundamento dos valores e que nada, absolutamente nada, me justifica ao adotar tal ou tal valor, tal ou tal escala de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem eu sou injustificável. E minha liberdade se angustia de ser o fundamento sem fundamento dos valores<sup>29</sup>.

É a assunção dessa autonomia “injustificável” do homem que Sartre denomina *responsabilidade*, qual seja, a postura condizente com a “consciência (de) ser o autor

---

<sup>27</sup> SARTRE, 1997, p. 597.

<sup>28</sup> SARTRE, 1997, p. 599.

<sup>29</sup> SARTRE, 1997, p. 76.

incontestável de um acontecimento ou de um objeto”<sup>30</sup>. Na medida em que a situação só existe pela liberdade, o homem deve assumir sua situação, afinal, se o futuro é um campo aberto de possibilidades, então ele será, em larga medida, o que minha escolha determinar. O ser-em-situação, por conseguinte, “é responsável por sua maneira de ser sem ser fundamento de seu ser”, quer dizer, “escolho a mim mesmo, não em meu ser, mas em minha maneira de ser”<sup>31</sup>.

Outro aspecto dessa responsabilidade é o de que o ser-em-situação que é o Para-si só pode ser vivido de maneira singular e pessoal, ou seja, o sujeito pode realizar somente uma situação: a sua própria. Ele está totalmente imbricado nesta (em sua situação), mas não apenas no que concerne a sua “subjetividade”, tampouco apenas em sua “facticidade”, mas na síntese das duas: “a situação é o sujeito inteiro (ele não é nada mais do que sua situação) e é também a 'coisa' inteira (não há jamais nada mais do que as coisas)”<sup>32</sup>. Estando inteiro em cada âmbito da situação – seu lugar, corpo, passado, posição, relações de alteridade etc. –, o Para-si não pode ser “destacado” e analisado somente a partir de um destes registros, pois nenhum deles aparece isolado, e ainda que, por questões de organização expositiva, os abordemos separadamente, só podemos fazê-los surgir sob o fundo sintético dos demais.

Por conseguinte, o Para-si não é apenas sua classe social, seu passado ou seu corpo, mas a apreensão sintética e concreta desses fatos por um ser que os significa e retoma e, nessa significação e retomada, deixa transparecer a fisionomia pessoal que o mundo lhe oferece: “os homens diferem entre si como diferem suas respectivas situações e também conforme a escolha que efetuam de sua própria pessoa”<sup>33</sup>. No entanto, fato digno de nota é que se, por um lado, o sujeito vive sua situação de maneira singular, há que se considerar também que sua situação reflete algo maior que o humanismo de Sartre não deixará de apontar: “o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”<sup>34</sup>, isto é, o sentido profundo da escolha é universal. Escolhendo-me, escolho, no mundo, um padrão de mundo.

Disso podemos concluir que a liberdade só pode ser pensada em relação ao mundo em que se situa. Não se tratando de uma entidade metafísica, ela é o homem em

---

<sup>30</sup> SARTRE, 1997, p. 678.

<sup>31</sup> SARTRE, 1997, p. 671.

<sup>32</sup> SARTRE, 1997, p. 672-3.

<sup>33</sup> SARTRE, op. cit., p. 35.

<sup>34</sup> Id., *O ser e o nada*, op. cit., p. 678.

sua própria constituição, sempre em ato, sempre engajado no mundo, desvelando-o, significando-o e humanizando-o. Sob esta ótica, não é imprescindível que não possamos escolher o dado no qual fomos arremessados: “ser livre não é escolher o mundo histórico no qual surgimos – o que não teria sentido, mas escolher a si mesmo no mundo, não importa qual seja”<sup>35</sup>. Tendo em vista estas considerações, talvez sejamos capazes, por fim, de compreender a designação mais ampla que Sartre confere à noção de situação:

denominaremos situação a contingência da liberdade no *plenum* de ser do mundo, na medida em que esse *datum*, que está aí somente *para não constranger* a liberdade, só se revela a essa liberdade enquanto *já iluminado* pelo fim por ela escolhido. Assim, o *datum* jamais aparece ao Para-si como assistente em bruto e Em-si; ele se descobre sempre *como motivo*, já que só se revela à luz de um fim que ilumina. Situação e motivação se identificam. O Para-si se descobre comprometido no ser, investido pelo ser, ameaçado pelo ser; descobre o estado de coisas que o circunda como motivo para uma reação de defesa ou de ataque. Mas só pode fazer tal descoberta porque posiciona livremente o fim em relação ao qual o estado de coisas é ameaçador ou favorável. [...] O homem só encontra obstáculo no campo de sua liberdade<sup>36</sup>.

Mais do que apontar aqui a uma conclusão que demarcaria uma circunscrição entre outras em um momento específico ou aleatório de sua obra, acreditamos que a noção de situação, e o respectivo quadro que esboça, teve um papel fundamental na trajetória de Sartre. Afinal, aquele que não se cansou de afirmar nas mais diversas oportunidades e contextos que “o importante não é o que se é, mas sim o que se faz”<sup>37</sup> parecia nutrir uma convicção constante de que, nas mais diversas situações, e ainda que em seus limites, o homem só pode ser compreendido a partir daquilo que faz com o que fazem dele<sup>38</sup>. Conjectura que poderia nos levar a indagar até que ponto este gesto seria a

---

<sup>35</sup> SARTRE, 1997, p. 640.

<sup>36</sup> SARTRE, 1997, p. 600-1.

<sup>37</sup> Sartre, J.-P. “Réponse à M. Mauriac”. In: *L’observateur*, 19 de março de 1953.

<sup>38</sup> Seria possível encontrar tal disposição em escritos com distância cronológica tão marcante quanto *O ser e o nada* e *O idiota da família*, passando por obras intermediárias: “o Para-si não surge com um fim totalmente dado. Mas, ao fazer a situação, ele ‘se faz’, e inversamente.” (Sartre, Jean-Paul. *O ser e o nada*, op. cit., pp. 672-3); “Tornamo-nos o que somos pela negação íntima e radical do que fizeram de nós” (Sartre, J.-P., “Os malditos da terra”. In: *Situações V*. RJ, Tempo Brasileiro, 1968, p. 145); “Para nós, o homem caracteriza-se acima de tudo, pela superação de uma situação, por aquilo que consegue fazer com o que foi feito dele” (“Questões de Método”. In: *Crítica da Razão Dialética*. RJ, DP&A, 2002, p. 77.); “creio que um homem sempre pode fazer algo a partir do que é feito dele. Este é o limite que eu hoje atribuiria à liberdade: o pequeno movimento que faz, de um ser social totalmente condicionado, alguém que não devolve completamente aquilo que seu condicionamento lhe deu” (Sartre, J.-P., “Itinerary of a thought”. In: *New Left Review*, nov-dez de 1969, p. 51); “ninguém pode viver sem se fazer, isto é, sem ultrapassar em direção ao concreto aquilo que se fez dele” (Sartre, J.-P. *L’idiot de la famille; Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Paris, Gallimard, 1972, vol I, p. 648).

expressão de uma filosofia ou de uma ética do intelectual engajado. Temos motivos para desconfiar, contudo, que a distinção proposta pela interrogação mesma tenha sua dicotomia diluída ao ser direcionada a este intelectual incessantemente questionador que se fez Sartre.

## Referências

- SARTRE, J.-P. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. RJ, Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a questão Judaica. In: *Reflexões sobre o racismo*. SP, Difusão Europeia do Livro, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Situações I*. Trad. de Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Júnior. SP, Cosac e Naify, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Réponse à M. Mauriac”. In: *L’observateur*, 19 de março de 1953.
- \_\_\_\_\_. “Os malditos da terra”. In: *Situações V*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. “Questões de Método”. In: *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Itinerary of a thought”. In: *New Left Review*, nov-dez de 1969.
- \_\_\_\_\_. *L’idiot de la famille; Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Paris, Gallimard, vol. 1, 1972.